

## **Canto coral e Projeto Social: transformações sociais a partir da experiência educativa e estética**

*Clara Bezerra Nunes Barros*  
Universidade Federal do Ceará  
[claraluzmusica6@gmail.com](mailto:claraluzmusica6@gmail.com)

**Resumo:** Este projeto de pesquisa tem por objetivo investigar a possibilidade de transformações pessoais e sociais a partir da experiência estética, vivenciada através da educação por meio do canto coral. Para isto, se escolheu como sujeitos da pesquisa os alunos do Coral infanto-juvenil do Projeto Jacques Klein, crianças e pré-adolescentes em situação de pobreza atendidos pelo Instituto Beatriz e Lauro Fiúza na periferia de Fortaleza. Na experiência de trabalho com este grupo, observou-se que a expressão artística na forma de canto coral era possibilitada pela expressão verbal da violência sofrida pelos envolvidos, ao mesmo tempo em que incentivava esta expressão. A partir daí, elaborou-se as seguintes questões de pesquisa: a) De que maneira a proposta de experienciar voz aliada ao trabalho de corpo se refletiria na expressão pessoal dos envolvidos? b) Como essa expressão se manifesta em sua expressão artística? c) Como a experiência educacional artística pode gerar uma experiência estética capaz de suscitar nos coralistas ações sociais transformadoras? A pesquisa se configura em pesquisa participante, de abordagem qualitativa. Os dados coletados serão analisados à luz das ideias de Sawaya, Kleber e Dalcroze.

**Palavras chave:** canto coral; projetos sociais; afetividade.

### **Introdução e justificativa**

O interesse em investigar o processo de ensino/aprendizagem do canto e sua relação com o corpo, com crianças e jovens do terceiro setor, surgiu no ano de 2004, quando da minha iniciação como professora de música no Centro de Educação Espírita Solar dos Girassóis, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Ângela Linhares, da Universidade Federal do Ceará, no bairro Prefeito José Walter, periferia de Fortaleza. Nessa instituição ministrava aulas de flauta doce para crianças e pré-adolescentes em situação de pobreza, em virtude da resistência das crianças em cantar. Sentia uma inquietação enorme com essa indisponibilidade, pois o canto sempre me fascinou e mobilizou. Essa rejeição ao canto fez-me questionar o motivo pelo qual isso acontecia.

Paralelamente a esse trabalho, comecei a ministrar aulas nas escolas da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em projetos sociais de arte-educação, com Coral e Flauta Doce, ligados a Associação de Corais Infantis do Ceará Canto em Cada Canto e estágio na própria Prefeitura. Nestes projetos, ao lidar com um público de crianças atingidas pela desigualdade social e em situação de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), observei que o trabalho desenvolvido nestes espaços acabava por assumir outros papéis que não apenas artísticos, como resgate social, momentos de abstração das situações de violência urbana, costumeiramente vivenciadas pelos alunos, ação de alimentação escolar, a partir do fornecimento dessa alimentação ao término das aulas e até mesmo uma transferência do papel familiar.

Em 2009 ingressei na graduação para o Curso de Música/Licenciatura da Universidade Federal do Ceará. Durante a minha formação acadêmica tornei-me monitora e bolsista, pelo Programa de Iniciação à Docência (PID), nas disciplinas de Voz e Educação e Pesquisa de Voz para a Cena, do Curso de Teatro da UFC, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Juliana Rangel, em 2012. Esta experiência legitimou e deu embasamento teórico ao meu conhecimento empírico sobre os estudos de voz aliados ao corpo, advindo de minhas percepções pessoais como cantora, atriz, preparadora vocal e regente de corais.

No ano de 2014, já graduada em música, retornei ao mundo dos projetos sociais, passando a compor o quadro de professores do Projeto Jacques Klein (PJK), no Instituto Beatriz e Lauro Fiúza (IBLF), ministrando Técnica Vocal e Canto Coral nas turmas infantis, adolescentes e adultas. O IBLF é uma Organização Não Governamental (ONG) que foi criada em 2012 para atender jovens e crianças que moram em zonas de vulnerabilidade social de Fortaleza. O PJK é um projeto sinfônico pertencente ao IBLF que visa a formação musical de crianças e jovens de baixa renda.

Nas aulas de coral infanto-juvenil, pude observar, nas vivências e atividades trabalhadas, no contato com os alunos e sua família, e a partir do conhecimento sobre a vida na comunidade e sobre algumas histórias pessoais dos estudantes, reveladas nas partilhas semanais (momentos de demanda verbal apresentada e solicitada pelos alunos), que eles necessitavam ter voz, em um sentido mais amplo, serem ouvidos, se expressarem. Observei

ainda que o respeito a essa necessidade tornou possível, por parte dos alunos, abrir espaço para o conteúdo a ser ministrado nas aulas e para a formação do grupo coral.

Nota-se, a partir do relato acima, que a afetividade e a consideração com as histórias de vida podem ser importantes ferramentas de fortalecimento individual e coletivo. Magali Kleber, ao relatar um projeto social em situação similar, fala sobre a importância do afeto como estratégia pedagógica:

Claudinei destaca de sua memória um fragmento de sua história de vida que aponta para suas necessidades afetivas e emocionais que emergiram em primeiro plano e desvela como o afeto foi incorporado como uma estratégia pedagógica que, associada a outras ações, devolveu-lhe a dignidade e contribuiu para reconstituir sua identidade individual e coletiva (KLEBER, 2008, p. 223).

A maioria das crianças e jovens do coral sofrem constantemente vários tipos de violência. Nestes momentos de “partilha”, descritos anteriormente, eles revelam a difícil realidade que vivenciam de uma maneira naturalizada, como se já estivessem acostumados, insensíveis aos próprios sofrimento e aos dos colegas.

O coral torna-se, dentre outras especificidades, um espaço de convivência onde estudantes podem entrar em contato com os seus sentimentos e o dos outros coralistas, acessando a esfera do sentir, tão importante para o fazer artístico. Sawaia defende que “a opção pelas relações, intersubjetividade e ideia de coletividade procura evitar que a criança e o jovem tornem-se insensíveis ao próprio sofrimento e ao do outro (SAWAIA, 2003, p. 62).

Entre as dificuldades enfrentadas, mencionadas pelos estudantes ou acompanhadas pela equipe psicopedagógica e de assistência social, podemos citar: violência familiar, sexual, física, psicológica associadas ao tráfico e consumo de drogas, crime organizado, exclusão social (cor da pele, gênero, idade, classe e outros). O reflexo da violência sofrida pelos usuários do PJK é fortemente constatado em suas posturas corporais, tom de voz, linguagem, oscilações na frequência do projeto, transferência afetiva aos professores, comportamento agressivo entre os colegas dentre outros, em casos específicos.

Apesar das dificuldades citadas, o trabalho com o coral da instituição se consolidou com resultados bastante positivos. As crianças e jovens têm se mostrado motivados, a

qualidade técnica do trabalho, especificamente em termos de afinação, tem melhorado notoriamente, o grupo tem se fortalecido e crescido em número e qualidade sonora.

As experiências vivenciadas no decorrer do trabalho com o grupo de coral do PJK mostram que a atividade coral, a partir da possibilidade de expressão vocal artística, estimula nos envolvidos a necessidade de verbalização das dificuldades mencionadas, já que, os momentos de partilha acima descrito foram iniciados a partir de reivindicações dos alunos de expressar as inúmeras violências cotidianas sofridas.

Apesar de ainda serem tímidas as inserções de um trabalho de corpo aliado à voz cantada nas atividades desenvolvidas, entendemos a voz como parte integrante de um corpo que precisa ser vivenciado integralmente. Nesse contexto, a partir de reflexões das experiências vivenciadas, pergunto-me:

1. Se o trabalho especificamente vocal suscita nos envolvidos o levantamento de questões que expõem a violência sofrida diariamente por eles, a ponto desta necessitar de expressão coletiva, de que maneira a proposta de experienciar voz aliada ao trabalho de corpo se refletiria na expressão pessoal dos envolvidos?

2. De que maneira essa expressão, entendida como a necessidade de expurgo dessas violências sofridas, se manifestaria em sua expressão artística?

E a pergunta norteadora desse trabalho:

3. Como a experiência educacional artística, experienciada através do canto coral, pode gerar uma experiência estética capaz de suscitar nos coralistas ações sociais transformadoras?

Há que se ter cuidado para não reduzir a arte à política do pão e circo, ou atribuir-lhe a função de redentora do sofrimento ético-político.... Propõe-se a transformação da educação em uma experiência estética que contribui para aglutinar os indivíduos nas ações sociais transformadoras. A aprendizagem passa a ser vista como “catarse”, uma experiência afetiva que transforma o pensamento e a sensibilidade, potencializando a capacidade de ultrapassar as próprias condições de existência (SAWAIA, 2003, p. 63).

A partir destas questões de pesquisa, conduziremos a investigação. Para responder às questões elencadas, elegi como sujeitos da pesquisa os cantores do Coral Infantil do Projeto Jacques Klein.

### **Objetivo geral**

Investigar a força de transformação de uma experiência educacional artística a partir da atividade coral, em uma experiência estética e a capacidade de potencialização desse processo em ações sociais transformadoras.

### **Objetivos específicos**

- Investigar a influência da afetividade, nas relações interpessoais, no processo de ensino/aprendizagem através do canto coral infantil.
- Averiguar se o fortalecimento do sentimento de pertença a um grupo social tem alguma influência nas escolhas ético-sociais dos alunos.
- Estimular o contato com as emoções e sentimentos dos alunos através do estímulo da fala e da escuta mútua dentro do processo educativo de socialização do coral.
- Compreender a relação corpo-voz e sua ligação com a unidade mente-físico-emoção e sua influência na aprendizagem dos alunos.

### **Referencial teórico**

A educadora musical Magali Kleber em suas investigações sobre o processo de ensino-aprendizagem em ONGs brasileiras, aponta estas instituições como importantes espaços para o trabalho com educação musical.

As ONGs (...) foram se constituindo e se instituindo como espaços legitimados para se trabalhar com o ensino e aprendizagem de música, a partir de propostas focadas no caráter pedagógico-musical e, sobretudo, pelas práticas vivenciadas no cotidiano das ONGs no decorrer de seus processos históricos (KLEBER, 2006, p. 137).

Em geral, o público atendido pelas ONGs em suas ações, define-se como indivíduos em situação de risco ou pobreza, localizados nas periferias das grandes cidades e expostos a toda sorte de violências urbanas, sociais, econômicas e físicas. No trabalho educacional com este público, faz-se necessário compreender que outras questões que não apenas de ordem técnico-artísticas (no caso específico do trabalho com música), estão presentes no processo de aprendizagem.

A socióloga Bader Burihan Sawaia, em seu trabalho, fala sobre o sofrimento ético-político (cor da pele, gênero, idade, classe social e outros), a afetividade como princípio coletivo-pedagógico, subjetividade e desigualdade social, conceitos e temas em questão nesta investigação.

Ética é a capacidade do corpo e do pensamento em selecionar, nos encontros, o que permite ultrapassar as condições de existência na direção à liberdade e felicidade, como um aprendizado contínuo. Esta capacidade depende dos afetos. São eles que a aumentam ou a deprimem, interferindo diretamente na capacidade de agir, ou não, em favor da autonomia. Portanto, negar ou menosprezar o afeto na ação educativa é inibir a potência de ação. É ignorar a função conscientizadora e de potencialização da autonomia que as emoções podem desempenhar na educação. É impulsionados pelos afetos que decidimos se algo é bom e que determinada ação deve ser evitada (SAWAIA, 2003, p. 59).

Esta função conscientizadora da emoção pode, entre outros papéis, ser a força impulsionadora das transformações necessárias na realidade de sofrimento ético-político que atinge os coralistas do PJK. Além disso, em se tratando de um trabalho artístico que lida diretamente com o corpo, no caso do canto coral, o afeto se configura como diretriz essencial de condução da atividade, por parte do professor, e de aprendizado, por parte dos alunos envolvidos.

Entendendo que este processo de construção de conhecimento passa obrigatoriamente pelo corpo, ferramenta e instrumento de trabalho do cantor, esta investigação também se fundamenta nas ideias sugeridas pelo compositor e educador musical Émile Jacques-Dalcroze para explicar o corpo ativo nas ações do aprendizado musical. Suas propostas enfatizam o ensino da música realizado a partir do corpo em movimento pelo espaço.

Ponho-me a sonhar com uma educação musical na qual o próprio corpo desempenharia o papel de intermediário entre os sons e o pensamento e tornar-se-ia o instrumento direto de nossos sentimentos - em que as sensações do ouvido se tornariam mais fortes, graças àquelas provocadas pelas múltiplas matérias suscetíveis de vibrar e ressoar em nós: a respiração dividindo os ritmos das frases e as dinâmicas musculares traduzindo as dinâmicas que ditam as emoções musicais. Assim, na escola, a criança não só aprenderia a cantar e a escutar com precisão e no compasso, mas aprenderia também a *mover-se*<sup>1</sup> e a pensar de modo preciso e ritmicamente (JACQUES-DALCROZE, 2010, p. 223).

Dalcroze observou que a movimentação natural das crianças (andar, correr, saltitar, balançar), podem expressar os elementos musicais. Para ele, a consciência rítmica (base do conhecimento musical), é alcançada através do movimento do corpo, não sendo, portanto, possível pensar em ritmo sem que se pense em um corpo em movimento. A partir dessa ideia, o educador elabora os princípios que irão fundamentar sua proposta de educação musical: a Rítmica.

As ideias de Sawaia e Dalcroze se entrecruzam e relacionam ao poderem ser aplicadas em contextos de interações coletivas. Sawaia (2003) reflete sobre o corpo do ponto de vista da mudança de estado passivo para o ativo das transformações pessoais e sociais, a partir do âmbito das emoções, do sentir humano.

O corpo vivo é mais do que a capacidade de se manter em pé e em movimento, é o corpo/mente com potência de ação para perseverar na autonomia e lutar contra tudo que nega a liberdade e felicidade de cada um e do coletivo (SAWAIA, 2003, p. 56).

Dalcroze, também defendia um método de ensino de música ativo, no qual o estudante movia-se pelo espaço físico, afim de vivenciar no corpo os aprendizados musicais, que para ele advinham do ritmo.

## Procedimentos metodológicos

Na busca de respostas para as questões de pesquisa levantadas, investigaremos os processos transformadores através de experiências estéticas dentro das atividades do Coral

---

<sup>1</sup> Grifo do autor.

infanto-juvenil do Projeto Jacques Klein. Para entender estes processos, será realizada uma pesquisa participante, na qual o educador atuará como pesquisador, ensinando e analisando seu objeto de pesquisa, simultaneamente.

Utilizar-mos-emos ainda da abordagem qualitativa, por entender que esta é a mais indicada para melhor compreender as particularidades do trabalho, as minúcias, como o conjunto de crenças, os valores, os significados, as motivações internas, atitudes que não pertencem a esfera quantitativa dos acontecimentos (MINAYO, 1994). A metodologia da pesquisa qualitativa deve ser ao mesmo tempo prática e teórica.

Assim, se utilizando da pesquisa participante e qualitativa, serão realizadas reflexões pertinentes sobre a investigação em questão, tentando elucidar os questionamentos que emergirão, fazendo uso de uma bibliografia coesa e coerente e apresentando resultados reais a partir da análise dos dados.

Numa primeira etapa da investigação realizaremos um levantamento bibliográfico, com a finalidade de levantar material já escrito sobre o assunto em questão, bem como um aprofundamento nas ideias dos autores que formam o referencial teórico da pesquisa. Em seguida, terá lugar a coleta de dados, a ser realizada em sala de aula, com os alunos do Coral infanto-juvenil intermediário (Nível 2), na qual serão utilizadas gravações em vídeo dos momentos da partilha, registro em diário de bordo das aulas, das vivências corporais e vocais, entrevistas com os alunos, análises das fichas de anamnese psicossocial dos alunos, conversas com a equipe psicopedagógica do IBLF, conversa com os pais, análise de filmagens, dos planos de aula, das apresentações.

A última etapa da pesquisa será a análise dos dados coletados, examinados à luz do referencial teórico escolhido. Por fim, procederemos à elaboração do relatório final.

## Referências bibliográficas

JAQUES-DALCROZE, Émile. Os estudos musicais e a educação do ouvido. *ProPosições*. s/l, v.21, n.1, p. 219-224, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072010000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)A música e o teatro 32>. Acesso em 30 abril de 2015.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/cotidiano/fl\\_adm/uploads/fck/youublisher\\_com-896700-A\\_pr\\_tica\\_de\\_educa\\_o\\_musical\\_em\\_ONGs\\_dois\\_estudos\\_de\\_caso\\_no\\_contexto\\_urbano\\_br\\_asileiro.pdf](http://www.ufrgs.br/cotidiano/fl_adm/uploads/fck/youublisher_com-896700-A_pr_tica_de_educa_o_musical_em_ONGs_dois_estudos_de_caso_no_contexto_urbano_br_asileiro.pdf)> Acesso em 30 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. Projetos Sociais e Educação Musical. In: SOUZA, Jussamara (org.) *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa social – teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAWAIA, Bader Burihan. Fome de Felicidade e Liberdade. In: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA. *Muitos lugares para aprender*. São Paulo: CENPEC/ Fundação Itaú cultural/ Unicef, 2003.